

# PARTIDA DE ALEX FLEMMING DE BERLIM



por **TEREZA DE ARRUDA**, curadora e historiadora de arte

## Àquele com quem compartilhei uma assinatura da revista Veja em Berlim na década de 1990

Berlim, 2025.

Conheço Alex Flemming desde 1991. Desde então, nossas trajetórias se cruzam com frequência, entre projetos, exposições e conversas que atravessaram oceanos – do Brasil à Alemanha, de São Paulo a Berlim, passando por Istambul, Havana, Chicago, Bilbao, Londres e Roma, entre tantas outras cidades que moldaram não apenas sua biografia, mas também a essência de sua obra. Ao longo dessas mais de três décadas, testemunhei um artista cuja vida e produção se movem entre dois mundos, mas que sempre soube transformá-los em um só território de criação, reflexão e existência.



Berlim foi, para Alex Flemming, mais do que um endereço: foi uma morada, um espaço de liberdade e experimentação. Aqui, ele consolidou uma parte fundamental de sua trajetória internacional, criando uma obra que transita entre o rigor da forma e a inquietude da criação. Sua arte, marcada por uma profunda consciência, nunca se contentou em ser apenas contemplativa e bela – ela questiona, provoca, ilumina.

Ao ouvir de Flemming sua decisão de regressar ao Brasil após 34 anos de vida em Berlim, percebo que não se trata de uma despedida, mas de um retorno cíclico – um gesto profundamente coerente com a natureza de seu trabalho e de sua personalidade. Ele sempre foi uma pessoa e um artista em movimento, alguém que compreende a arte como travessia. O retorno ao Brasil é, nesse sentido, mais uma etapa de um percurso que nunca se interrompeu: é o reencontro com o calor, com a linguagem, com as raízes, mas também com um novo horizonte de criação e trocas.

Sua presença em Berlim – nos ateliês, nas galerias, nos museus, nas conversas, nas festas e nos clubes – foi e continuará sendo um capítulo marcante da cena artística desta cidade e de minha memória. Flemming trouxe ao contexto europeu uma perspectiva singular: a de um artista brasileiro profundamente cosmopolita, cuja prática dialoga com a literatura, o cinema, a filosofia e a política, sem jamais perder o vínculo com a emoção e a humanidade.

Ao se despedir de Berlim, Flemming não parte de fato. Ele deixa rastros luminosos em cada exposição, em cada conversa, em cada obra que permanece entre nós em acervos privados e públicos como o museu de arte moderna Berlinische Galerie, o Instituto Latinoamericano e a Embaixada do Brasil em Berlim, entre outros. Seu olhar – simultaneamente crítico e inquieto – continuará habitando este lugar, atravessando tempos e fronteiras.

Como curadora e amiga, preservo comigo a alegria de ter acompanhado essa jornada de perto. Sei que o Brasil o recebe de braços abertos, com a mesma intensidade e vitalidade que sempre pulsaram em sua arte. Fui testemunha desta realidade ao ter a honra de realizar a curadoria de sua recém retrospectiva „Alex Flemming 70 Anos“, apresentada em 2024/25 no Museu Oscar Niemeyer em Curitiba.

E nós, que ficamos em Berlim, continuaremos a ouvi-lo – agora, talvez, com o som distante de um eco que fala de saudade, de alegria e de vida plena.

Confira este e muitos outros temas em nossa edição 3/2025.

